

## Drummond: o menino leitor

Eloisa da Rosa Oliveira

**Resumo:** Este trabalho representa um breve esboço de um estudo maior, que propõe uma análise investigativa sobre como o poeta Carlos Drummond de Andrade fez sua iniciação ao mundo da leitura e literatura. Para isso, foi preciso um olhar minucioso voltado para a trilogia *Boitempo*, eleita como objeto de pesquisa e composta pelos seguintes títulos: *Boitempo I*, *Boitempo II: menino antigo* e *Boitempo III: esquecer para lembrar*. Na obra, o autor relata em versos suas memórias de infância, incluindo entre elas algumas memórias de leitura. A partir daí, objetivei compreender e discutir algumas questões relacionadas à intervenção literária na construção identitária do sujeito: Quais foram os passos de Drummond enquanto menino leitor? Quais as primeiras leituras? Como elas intervieram na construção da identidade dele como leitor e mais tarde como escritor? Tais questões nortearam a escrita deste trabalho e fazem parte de minha pesquisa de mestrado, em andamento. Perceber, portanto, como o movimento deste jovem pelo mundo da leitura influenciou a trajetória poética de Drummond ao longo do século XX, trata-se do objetivo principal delimitado para este momento da pesquisa.

**Palavras-chave:** Carlos Drummond de Andrade; Leitura; Infância; Memória; Identidade

*Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma tem mil faces secretas  
sob a face neutra e te pergunta,  
sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?  
(Carlos Drummond de Andrade)*

Aceitando o convite do próprio autor, chego mais perto das palavras de Carlos Drummond de Andrade. Dessa aproximação (talvez ainda carente de códigos, senhas ou chaves) surgiu o interesse pela construção deste trabalho, *Drummond: o menino leitor*. Trata-se de uma das etapas de minha pesquisa em nível de mestrado, que propõe brevemente a tecitura de discussões acerca dos temas: leitura, infância, memória e identidade por meio da obra do autor. Este estudo propõe uma análise investigativa sobre como o poeta Carlos Drummond de Andrade fez sua iniciação ao mundo da leitura e literatura. Para isso, foi preciso um olhar minucioso voltado para a trilogia *Boitempo*, eleita como objeto de pesquisa e composta pelos seguintes títulos: *Boitempo I*, *Boitempo II: menino antigo* e *Boitempo III: esquecer para lembrar*.

Convém salientar a relevância da trilogia *Boitempo* em relação à literatura brasileira e aos temas abordados. Era o ano 1968, quando Drummond publicou sua primeira obra dedicada integralmente às suas memórias: *Boitempo*. Até então, os traços da memória registrados na escrita de si, embora presentes em seus trabalhos, ainda eram tímidos. A partir desta primeira obra, Drummond lançou mais tarde *Boitempo II: Menino Antigo*, em 1973,

seguido por *Boitempo III: Esquecer para Lembrar*, publicado em 1979. Deu-se então a formação da trilogia memorialista, que reúne as memórias de uma infância itabirana no interior de Minas Gerais. Além da peculiaridade de transpor a memória em versos, Drummond retrata, a partir de um olhar mais maduro, a sociedade dos anos de sua infância e juventude. A obra não é, em nada, egocêntrica pois, mesmo escrevendo sobre si, o autor consegue registrar a memória sobre os outros, memória das coisas, dos ares, dos cheiros, dos gostos. Enfim, registra um fragmento de uma sociedade brasileira daquela época.

O poema a seguir não faz parte da trilogia, todavia mostra um ponto de partida interessante no que diz respeito ao interesse do autor pelo registro da memória sobre a infância. Tais versos podem explicar, de alguma forma, a escolha dos temas pontuados anteriormente e que estarão no foco da pesquisa:

#### Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
 Minha mãe ficava sentada cosendo.  
 Meu irmão pequeno dormia.  
 Eu sozinho menino entre mangueiras  
 lia a história de Robinson Crusóé,  
 comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
 a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
 chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha  
 café gostoso  
 café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
 olhando para mim:  
 - Psiu... Não acorde o menino.  
 Para o berço onde pousou um mosquito.  
 E dava um suspiro... que fundo!  
 Lá longe meu pai campeava  
 no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
 era mais bonita que a de Robinson Crusóé.  
 (ANDRADE, 2002, p.06)

Como se pode ver, os quatro temas referidos estão presentes direta ou indiretamente: leitura, infância, memória e identidade. O tema da leitura, em especial, é presença marcante na memória do autor. Sua infância e repertório imaginário estão tomados e atravessados pelas experiências de leitura do menino. Enquanto a vida campestre corria em sua rotina, o menino estava viajando (mesmo que sentado entre mangueiras) por outros lugares, lugares que apenas o narrador Robinson Crusóé poderia levá-lo.

A partir do tema da leitura, outra temática pode ser evocada: a construção identitária. Drummond pratica em versos a escrita de si e, enquanto o faz, constrói sua memória da infância, tecendo sua identidade. Desse modo, ao mesmo tempo em que o autor tece sua identidade de acordo com a memória da influência materna e paterna, não deixa de lado a memória do companheiro de muitas viagens imaginárias: o livro, que também o influenciou em sua construção enquanto sujeito leitor e escritor. Sendo assim, em meio aos registros de diversas memórias, torna-se notável em muitos versos essa presença da leitura em sua vida infantil.

É por meio da prática do registro da memória que o autor constrói e costura suas identidades, que já não são mais únicas e sim fragmentadas como nos elucida Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. A cada verso, um “eu” novo se apresenta e se transforma. A identidade do sujeito pós-moderno, como indica Hall (2005), é considerada fragmentada, constituindo um plural de identidades. É sob essa perspectiva que o olhar investigativo desta pesquisa trabalha com o conceito de identidade, buscando em Drummond esta pluralidade, principalmente no que toca às suas identidades de menino leitor.

Por fim, o último tema que compõe esta pesquisa é o da memória, que ganha sua expressão numa muito peculiar escrita de si. Tal assunto não poderia ser deixado para trás, visto que perpassa todo o objeto de pesquisa. É escrevendo sobre o passado, lembrando, e registrando, que Drummond produz a trilogia *Boitempo*, que apesar de não ter sido considerada como obra do gênero autobiográfico na época de sua publicação, atualmente pode ser claramente classificada como memorialista. Estudar as estratégias da memória, bem como a escrita de si enquanto instrumento de contribuição para a história também engloba as aspirações deste estudo, mas este aprofundamento fica para uma outra etapa da pesquisa, (minha dissertação de mestrado). Para este momento, o estudo da intervenção literária na vida do autor é o centro das atenções.

O menino leitor viaja sem sair do lugar. Ele se entrega à leitura e embarca junto ao narrador que conta sua experiência de viajante. Drummond, enquanto menino, sabia ser leitor. Sem pressa, apreciava as narrações uma a uma, e percebia o poder que estas tinham de lhe tirar do lugar:

Biblioteca Verde  
 (...)  
 Mas leio, leio. Em filosofias  
 tropeço e caio, cavalgo de novo  
 meu verde livro, em cavalarias  
 me perco, medievo; em contos, poemas  
 me vejo viver. Como te devoro,

verde pastagem. Ou antes carruagem  
de fugir de mim e me trazer de volta  
à casa a qualquer hora num fechar  
de páginas?  
(ANDRADE, 2006, p.251)

No poema “Biblioteca Verde” ele lembra como cheirava as páginas, olhava as figuras e se sentia o menino mais rico de toda a redondeza. Era a coleção das obras célebres. Tomada de filosofias, contos, poemas e, em especial, as narrações de aventura. Em outro momento ele evoca Júlio Verne, no poema intitulado “Iniciação Literária”, que começa com os versos: “Leituras! Leituras!/ Como quem diz: Navios... Sair pelo mundo/ voando na capa vermelha de Júlio Verne.” (ANDRADE, 2006, p.246) Neste, Drummond critica a leitura que o mandaram fazer na escola. Para ele muito mais valor tinha em conhecer a terra por meio da leitura de Júlio Verne. Mais do que pela leitura do estancieiro gaúcho Assis Brasil, e para isso dá a solução: “Se algum dia eu for rei, baixarei um decreto/ condenando este Assis a ler a sua obra.” (ANDRADE, 2006, p.246) Nos versos aqui apresentados já são evidentes algumas nuances do apreço da criança pela leitura e principalmente pelo relato de aventura. Ficam pistas do interesse que o menino leitor tinha pelo narrador viajante.

No texto em que fala sobre o narrador, Benjamin (1994, p.198) afirma que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão até que seu valor desapareça de todo.” Entre as diversas preocupações sociais que assolam o autor, está aquela que aponta o desaparecimento do narrador. A era da informação transforma-se a cada dia, com novos processos de comunicação, e a narrativa do viajante, puramente interessada em aconselhar aquele que quer ser aconselhado, se afasta aos poucos da realidade das experiências de leitura. Se a fonte do narrador é a experiência que passa de pessoa a pessoa, e se estamos vivendo numa época decadente, em que a experiência está fadada ao empobrecimento, como negar as ideias de Benjamin sobre a morte do narrador?

Por mais que desponte uma consciência (mesmo que tardia) sobre as perdas sociais decorrentes do progresso, que comprometeram a presença do narrador, resgatá-lo permanece sendo uma ideia utópica, e demasiada esperançosa. O fenômeno do desaparecimento do narrador é irreversível. No próprio ensaio, Benjamin (1994, p.202) já diz: “Devemos imaginar a transformação das formas épicas segundo ritmos comparáveis aos que presidiram à transformação da crosta terrestre no decorrer dos milênios.” A comparação de Benjamin confirma o que se disse: as mudanças da crosta terrestre ocorrem lentamente a cada ano de forma imperceptível, porém, alteram a formação da terra irreversivelmente.

Contudo, mesmo diante das más notícias sobre a ausência do narrador nos dias de hoje, o pesquisador que busca entender a história e a sociedade deve fugir do olhar melancólico. Para cumprir o papel de pesquisadores ávidos por entender a história e a sociedade, olhar para essas ruínas, cacos de passado e narração, não é o bastante. De nada adianta apenas lamentar por essa perda e retrocesso social. É preciso educar o olhar voltado ao passado e deixar que estilhaços deste tempo se infiltrem no tempo presente, a ponto de gerar alguma reflexão ou possível melhoria do presente, e quem sabe também do futuro.

Mas afinal, em que ponto as discussões teóricas sobre infância e as que tocam o tema narração se encontram, e o que elas têm a ver com a trilogia *Boitempo*? No *corpus* apresentado, temos o exemplo de um leitor que, no privilégio de sua infância bucólica do interior de Minas Gerais, conviveu com narrações clássicas. Essas narrações permitiram a construção do sujeito Drummond escritor, que aprendeu também a narrar, mesmo imerso em uma sociedade que já não está mais disposta a ser aconselhada e dispor de seu tempo para ouvir uma narração.

No ensaio sobre o narrador, Benjamin (1994, p.200-201) diz: “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” Benjamin não culpa somente a modernidade por isso. Já que é algo que vem sendo transformado desde muito antes. Como as mudanças da crosta terrestre, elas acontecem sem que possamos notá-las, e, depois de milênios constata-se uma mudança considerável. Onde Benjamin viu o narrador morrendo, muitos naquela época ainda não viam. Hoje esta preocupação se faz muito mais presente em nosso cotidiano acadêmico, anos depois, como se só agora estivéssemos ouvindo o alarme.

É aqui que entra a criança, como sujeito que ainda quer ser aconselhado e gosta do conselho. Apesar do conhecimento infantil não alcançar a dimensão do problema social que cerca o narrador, a criança se entrega à narração do viajante. Na história, o narrador foi aos poucos se deslocando para as margens da sociedade, e lá ele se encontrou com a criança, que nunca chegou a sair dessa posição social. É sob este “estado de exceção”<sup>1</sup> que eles se encontram, e pelo que foi visto até aqui, Drummond, consegue perceber sensivelmente a posição destas duas figuras e as incorpora em sua obra, dando um lugar central para a criança

---

<sup>1</sup> Esta expressão está sendo aplicada aqui por analogia ao conceito de Agamben, que a utiliza em sua obra a partir das suas leituras de Benjamin. Portanto, “estado de exceção” trata-se de uma expressão utilizada tanto por Benjamin, quanto Agamben e outros estudiosos no contexto relacionado à teoria política. Aqui neste projeto, em específico, estou tomando emprestada a expressão para falar da posição da criança na sociedade, fazendo uma analogia aos pensamentos dos autores acima referidos.

e o narrador, que tanto encantava o menino leitor. Aliás, arrisco a dizer que Drummond também se sentia numa espécie de estado de exceção. No poema “Sete faces” o autor deixa rastro desse sentimento: “Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida.” Ser *gauche* já é por si só, sentir-se nas margens, deslocado à esquerda. O olhar do sujeito que se encontra em estado de exceção costuma ser muito mais apurado para perceber determinados aspectos da história e da sociedade. Tal visão constitui um ponto de vista privilegiado para a produção da arte literária do autor.

Ainda sobre esse estado de exceção, outro autor que também contribui para a pesquisa é Michael Foucault (1979), que comenta que o poder deve ser analisado exatamente nas margens da sociedade, no lugar onde se encontra a “minoría”. Foucault compartilha, neste aspecto, das ideias de Benjamin, ao colocar em lugar central aqueles que foram excluídos pela história.

Kramer, estudiosa de destaque no Brasil em estudos sobre infância, faz uma afirmação que corrobora com essa ideia de que a criança em estado de exceção pode ter um olhar sensível e privilegiado para a história. Afirma ela, nas considerações que faz ao pensamento Benjaminiano:

A partir da ideia de método como desvio e dando atenção às insignificâncias, aos detritos, aos restos, às dobras, a infância é tomada como categoria central da história e as crianças são vistas como estando sempre em um canteiro de obras, agindo, procurando, provocando a desordem. (KRAMER, 2009, p.169)

No tocante ao tema memória, além de agir fortemente como instrumento de revisão da história para repensar a sociedade, é também aparelho de descobertas e afirmações de um “eu” que se forma o tempo todo. Em “O Sebo”, crônica pouco conhecida se comparada a outros textos de Drummond, o autor deixa clara sua paixão pelos livros. Sobre a alegria de ir a um novo sebo, o autor diz que a poeira é o preço de uma alegria bibliográfica. Depois, encerra a crônica dizendo:

O sebo é a verdadeira democracia, para não dizer: uma igreja de todos os santos, inclusive os demônios, confraternizados e humildes. Saio deles com um pacote de novidades velhas, e a sensação de que visitei, não um cemitério de papel, mas o território livre do espírito, contra o qual não prevalecerá nenhuma forma de opressão. (ANDRADE, 2004, p.19)

É que é impossível conceber a identidade de um escritor como Drummond, sem antes pensar no leitor que foi. Ainda mais quando ele faz questão de deixar ao largo de toda sua produção vestígios desse relacionamento amoroso com a leitura. O escritor maduro, que celebra o sebo como santuário, e o livro velho como uma alegria bibliográfica, possui na

infância a raiz desse tal relacionamento. São em poemas como “A Biblioteca Verde”, “Iniciação Literária”, “Fim” que a introdução do livro e da leitura na vida de Drummond fica registrada como memória de um “eu” que já gostava de ler desde pequeno. São estes vestígios de menino leitor que estão por ser explorados numa pesquisa mais aprofundada e de maior tempo e dedicação.

Silviano Santiago, em seu conhecido ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de 1971, aproveitando-se de alguns conceitos de Roland Barthes sobre a experiência da leitura, nos remete a dois tipos de texto: o legível e o escrevível. Este último seria o texto capaz de instigar o leitor não apenas a consumir aquilo que lê, mas também a produzir a partir do que está lendo. Complementa:

Portanto a leitura, em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. (SANTIAGO, 1978, p.21)

É possível evidenciar, portanto, a intervenção da literatura nessa formação do escritor, antes disso, leitor. Esta se trata, ainda, de uma pré-conclusão, pois há que se considerar que a pesquisa maior ainda está em andamento. No entanto, fica claro desde já que são fortes os traços influenciadores da leitura na formação do escritor. Drummond foi provocado desde menino e esteve em contato com os textos “escrevíveis”, citados por Santiago, não só durante a infância, mas ao longo de todo o século XX. O poeta esteve contaminado durante toda sua vida pelas leituras que fez e por meio dessas leituras provocativas foi que encontrou seu lugar intranquilo, seu lugar de *gauche* em meio a sua sociedade. Escrever foi sua resposta aos textos lidos. A intervenção da leitura e da literatura na vida do poeta é indiscutível. Fica agora a evidência de novas possibilidades de pesquisa, que explorem melhor o modo como esse processo de intervenção ocorre. Partindo daquilo que aqui está exposto e afirmado, cabe a continuidade de análise que parta para um olhar mais detalhado para a trajetória do menino leitor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: Esquecer para lembrar*. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Boitempo: Menino Antigo*. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-234.

\_\_\_\_\_. Escavando e recordando. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.239-240.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: D&P, 2005.

KRAMER, Sonia. Crianças e adultos em diferentes contextos: desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Cristina Soares de. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. 2.ed. Pretópolis, RJ: Vozes, 2009. p.163-p.189.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.